

## O sentido da redução fenomenológica nas cinco lições (a ideia da fenomenologia) de Husserl

Allan Wolney Mesquita Santos<sup>5</sup>

Nesta fenomenologia transcendental, não nos havemos com ontologia apriórica, nem com lógica formal e matemática formal, nem com geometria como doutrina apriórica do espaço, nem com cronometria e foronomia aprióricas, nem com ontologia real apriórica de qualquer espécie (coisa, mudança, etc.).

A fenomenologia transcendental é fenomenologia da consciência constituinte e, portanto, não lhe pertence sequer um único axioma objectivo (referente a objectos que não são consciência...). (*Edmund Husserl*)

**Palavras-chave:** redução fenomenológica, fenomenologia, principio gnoseológico

### INTRODUÇÃO

No seu livro *A ideia da fenomenologia*, Husserl estrutura a ideia de redução fenomenológica. A preocupação do livro remete à preocupação kantiana de estabelecimento de uma crítica do conhecimento, na qual se deseja alicerçar uma metafísica que fundamente a possibilidade de conhecimento das demais ciências. Neste sentido, o Husserl é mais radical e elabora uma verdadeira investigação *à la* Descartes acerca do que é por excelência indubitável para servir de fundamento do conhecimento das demais ciências.

Desejando realizar a sua investigação com o mínimo de pressupostos possíveis, o processo analítico realizado por Husserl busca um método e uma ciência que evite todas as dificuldades impostas ao se tentar inquirir a crítica do conhecimento utilizando o que ele chama de atitude natural. A estratégia consiste praticamente de sucessivas distinções conceituais a procura do elemento intuitivamente válido de todo conhecimento, na qual toda sua empresa deve se debruçar. É nisso que se constitui a redução fenomenológica: um resultado, um método obtido que reduz as considerações das investigações da crítica do conhecimento ao que é o puro dado em si mesmo.

---

<sup>5</sup> Graduando do curso Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe, membro discente do GEFILUFS (Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS).

## O SENTIDO DA REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA AO LONGO DO TEXTO

Husserl começa da distinção entre dois tipos de pensamentos, também chamados de ciências: a que promana da atitude natural e a que brota da atitude filosófica. Na primeira, Husserl a descreve como onde o conhecimento está dado, na qual seus objetos se relacionam e enfrentam entre si por meio da lógica. Na segunda, aparece com surgimento da questão sobre a possibilidade da relação entre o objeto e o conhecimento, na qual ele, mais posteriormente no texto, chamará de *fenomenologia*:

‘Fenomenologia’ designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, ‘fenomenologia’ designa um método e uma atitude intelectual: a *atitude intelectual* especificamente *filosófica*, o *método* especificamente *filosófico*. (HUSSERL, 2000, p. 46)

A fenomenologia surge na necessidade de uma filosofia pura, que prescindir de todo o conhecimento obtido pelas ciências naturais e pelo senso comum, onde se procura um novo método de investigação.

A pesquisa sobre qual é o método dessa filosofia pura proposta, Husserl retorna a Descartes, mais especificamente para a sua “dúvida hiperbólica”. Com as devidas modificações por conta da diferença de projetos entre eles, o pai da fenomenologia chega ao seguinte resultado:

Sempre que percepciono, represento, julgo, raciocino, seja qual for a certeza ou incerteza, a objectalidade ou a inexistência de objecto destes actos, é absolutamente claro e certo, em relação à percepção, que percepciono isto e aquilo e, relativamente ao juízo, que julgo isto e aquilo, etc. (HUSSERL, 2000, p. 54)

Tal enunciado, chamado por vezes de *cogitatio*, lembra a máxima de Brentano, na qual afirma: “ninguém pode verdadeiramente duvidar que aquilo que em si mesmo percebe não existe e não existe tal como percebe”, esse resultado servirá como base para a conclusão husserliana: “*Toda a vivência intelectual e toda a vivência em geral, ao ser levada a cabo, pode fazer-se objecto de um puro ver e captar e, neste ver; é um dado absoluto*” (HUSSERL, 2000, p. 55). Mas isso causa um inconveniente, pois tal dado é imanente e o conhecimento das ciências objetivas é transcendente. Dessa forma se gera a nova questão da investigação: “como pode o conhecimento ir além de si mesmo, como pode ele atingir um ser que não se encontra no âmbito da consciência?” (HUSSEL, 2000, p. 24).

A transcendência e a imanência se tornaram cerne da questão da possibilidade do conhecimento, então nada mais lícito do que se indagar sobre o significado de tais termos. Husserl constata dois sentidos para cada termo, que podem ser destacados da seguinte forma,

a saber, referente à constituição do ato cognitivo – o que o constitui é chamado imanente e o que não, é transcendente – e o referente à intuição do *objectal* no conhecimento em que ele é estabelecido – o que o intui, é imanente e o que não, é transcendente.

Com tais termos elucidados, a imanência é garantida pelas *cogitationes*, faltando só a evidência da transcendência. Husserl afirma que não se pode tomar como ponto de partida que há transcendência, porque antes de se indagar *como* é possível o conhecimento transcendente, tem-se que se investigar *se* é possível tal conhecimento. Assim, surge o *princípio gnoseológico*:

[...] em toda a inquirição teórico-cognoscitiva, quer se trate deste ou daquele tipo de conhecimento, há que levar a cabo a *redução* gnoseológica, isto é, há que afectar toda a transcendência concomitante com o índice da desconexão, ou com o índice da indiferença, da nulidade gnoseológica, com um índice que afirma: não me importa aqui absolutamente nada a existência de todas estas transcendências, quer eu nela creia ou não; aqui, não é o lugar de sobre ela julgar; isso fica completamente fora de jogo. (HUSSERL, 2000, p. 65)

Uma vez estabelecido o princípio, os fenômenos tratados só serão imanentes, no entanto, não é todo o fenômeno que a fenomenologia se debruça, porque um dos sentidos de imanência comporta um objeto da ciência natural, mais especificamente da psicologia, – que por método foi desprezada pela investigação – chamado *fenômeno psicológico*. Surge assim, a necessidade desassociar o *fenômeno puro*, no sentido da fenomenologia, do objeto da psicologia. A distinção será efetuada em termos da omissão da referência ao sujeito empírico, que é o que constitui o fundamento do *fenômeno psicológico*: “eu tenho este fenômeno, é meu”. Assim, chega-se a principal ideia do livro, a *redução fenomenológica*:

A toda a vivência psíquica corresponde, pois, por via da redução fenomenológica, um fenômeno puro, que exhibe a sua essência imanente (singularmente tomada) como dado absoluto. [...]

O puramente imanente deve aqui, de início, caracterizar-se mediante a redução fenomenológica. [...]

Devo estudá-lo [a essência do conhecimento] imanentemente e mediante uma visão pura no fenômeno puro, na <<consciência pura>> (HUSSELL, 2000, pp. 71, 72, 73)

Com a redução fenomenológica, pode se caracterizar a fenomenologia e seu objeto, uma vez que ela restringe o âmbito da investigação para o imanentemente dado<sup>6</sup>, o seu objeto já é garantido, se validando como ciência apriorística. A fenomenologia deseja ser a ciência e o método no qual investiga sobre a possibilidade e a essência do conhecimento. O sentido de apriorístico na qual se predica à fenomenologia não é o do puramente dirigido para essências genéricas, na qual sua validade é extraída puramente da essência, mas sim o de que seus

<sup>6</sup> “o dado de um fenômeno reduzido é, em geral, um dado absoluto e indubitável” (p. 78)

conceitos tem significação de princípio em sentido preciso e que as leis de essência se fundam neles.

A possibilidade de algum conhecimento já foi estabelecida pela redução fenomenológica, falta investigar sobre a sua essência. Para isso, o Husserl conceitua o *Imanente no sentido intencional*: “As vivências cognitivas – e isto pertence à essência – têm uma *intentio*, visam (*meinen*) algo, referem-se, de um ou outro modo, a uma objectalidade, mesmo se a objectalidade lhes não pertence” (HUSSERL, 2000, p. 83). Ele é o que dá unidade ao objeto da consideração, ou seja, é a essência da singularidade do objeto. No objetivo de elucidar melhor o papel da *intencionalidade* na redução fenomenológica, Husserl fornece um exemplo utilizando o enunciado da matemática “*dois vezes dois são quatro*”: “O conteúdo é, em ambos os casos, diverso; numa das vezes, vejo, e o próprio estado de coisas está dado no ver; na outra, tenho um visar (*Meinung*) simbólico. Uma vez, tenho a intuição; na outra, a intenção vazia” (HUSSERL, 2000, p. 89). Isso evidencia que, diferente do fenômeno puro intuído, a intencionalidade subsiste apesar da sublimação da *cogitatio*. Com mais essa distinção, Husserl é capaz de fornecer uma caracterização completa da redução fenomenológica:

[...] a redução fenomenológica não significa a limitação da pesquisa à esfera da imanência ingrediente, à esfera do incluído como ingrediente no isto absoluto da *cogitatio*; não significa de modo algum o confinamento à esfera da *cogitatio*, mas a restrição à esfera do *dar-se em si puro*, à esfera daquilo de que não só se fala e que não só se intenta; também não à esfera do que se percebe, mas à esfera do que está dado exactamente no sentido em que é visado, e autodado no sentido mais estrito, de tal modo que nada do intentado deixa de estar dado. Numa palavra, restrição à esfera da pura evidência, entendendo, porém, a palavra em certo sentido estrito, que exclui já a <<evidência mediata>> e, sobretudo, toda a evidência em sentido laxo. (p. 90)

Depois de tal caracterização, a investigação se direciona para o “ambiente” dos fenômenos puros, a saber, a consciência. Nela, a questão da essência é combinada e contraposta com a da existência, lembrando as investigações medievais<sup>7</sup>: “Mas a contraposição de *existência* e *essência*, nada mais diz senão que aqui se manifestam dois modos de ser em dois modos de autopresentação e que se devem distinguir” (HUSSERL, 2000, p. 101). Tal distinção é estabelecida descrevendo a *existência* como o que coloca a coisa como realidade no tempo, enquanto a *essência* é o “sujeitar”, no sentido de torna-se sujeito lógico, de uma coisa a um juízo.

<sup>7</sup> Como por exemplo, as que são expostas no livro *ente e a essência* de São Tomás de Aquino.

## CONCLUSÃO

No seu processo de investigação analítico, Husserl iniciou seu inquérito distinguindo dois tipos de atitudes: natural e a filosófica. Demonstrou que as considerações na qual a atitude filosófica analisa, a saber, a crítica do conhecimento, é impraticável através da atitude natural. Na crítica do conhecimento se põe a questão de como é possível a relação entre objeto e conhecimento. Com o objetivo de garantir a possibilidade de conhecimento, Husserl apela para a dúvida hiperbólica cartesiana, na qual obtém como produto o que ele chamou de *cogitationes*. Garantindo a possibilidade de algum conhecimento, a questão se transforma para: como pode o conhecimento transcender a si mesmo e atingir o objeto? A investigação se centra na conceituação dos dois sentidos de imanente e transcendente, e com a dificuldade imposta pela questão se postula o *princípio gnoseológico*, que elimina as questões sobre a transcendência da investigação. O princípio é insuficiente, pois resiste o objeto da ciência natural entre os objetos considerados na investigação, pois, como já foi demonstrado, introduzir na investigação considerações da ciência natural conduz a contradições. Por fim, chega-se a formulação da redução fenomenológica, onde somente o fenômeno puro é objeto da fenomenologia.

## REFERÊNCIAS

- HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. 7. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.
- TOMÁS de Aquino, Santo,. **O ente e a essência**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.